

INTEGRANDO DIVERSIDADE SEXUAL E RELIGIOSA NO CINEMA: o filme “Orações para Bobby”

***Rodrigo Gomes de Carvalho¹, (IC), rodrigocarvalho.logistica@gmail.com, Raimundo Márcio Mota de Castro², Pesquisador (PQ).**

¹ Universidade Estadual de Goiás – Campus Senador Canedo, Senador Canedo, GO.

² Universidade Estadual de Goiás – Campus Senador Canedo, Senador Canedo, GO.

Resumo: A sociedade moderna passa pelo que podemos chamar de “fragmentação sociocultural”, tendo como um de seus traços marcantes a diversidade, como possibilitadora do surgimento de novas tendências e reivindicações em relação ao reconhecimento do outro, do diferente. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo compreender a influência cultural do discurso religioso no discurso social no que se refere à diversidade sexual, tendo por referência o filme “Orações para Bobby” (2009). Trata-se de uma pesquisa com aproximação do método fenomenológico (MORREIRA, 2004; GIL, 2008), qualitativa (MINAYO, 2000), exploratória e bibliográfica (GIL, 2002), que levou em consideração para a análise a base argumentativa da reflexão crítica do contexto narrado pelo filme por caracterizar a representação da realidade. Os trechos analisados consideram a construção teórica sobre o tema tendo fundamentação em Alves (1994), Durkheim (1989), Junqueira; Kluck: Schlögl (2015). Pode-se observar que o domínio do discurso impessoal (reforçado pela religião) pode conduzir ao ódio, dada a não aceitação da diferença como característica natural, deste modo, faz-se necessário resignificar o entendimento de questões cotidianas e estabelecer canais de novos diálogos que auxiliem no enfrentamento do preconceito e da discriminação pelo diferente.

Palavras-chave: Religião e Diversidade. Análise fílmica. Homossexualidade.

Introdução

Busca-se através desta pesquisa compreender como o discurso cultural religioso interfere e molda o caráter pessoal no meio social, construindo um modelo ideológico excludente, principalmente nas concepções de gênero que está enraizada no processo de socialização através da educação. A temática homoafetiva retratada no filme “Orações para Bobby” ¹ apresenta a realidade de se descobrir homossexual em uma família tradicional e com praticas religiosas rígidas. Na expectativa de responder a questão de pesquisa ‘Como construir através da temática da

¹ Do original Prayers for Bobby. Dirigido por Russell Mulcahy no ano de 2009, o longa-metragem tem 88 minutos de duração e trás como elenco principal: Sigourney Weaver, Ryan Kelley, Henrey Czerny, Dan Butler, Austin Nichols, Carly Schroeder, Shanon Eagen.

diversidade novos discursos e diálogos que possibilitem o enfrentamento das situações de preconceito e discriminação na sociedade contemporânea?', o objetivo geral de pesquisa tem se pautado em desvelar as categorias diversidade sexual e religiosa no filme “Orações para Bobby”.

Partindo do princípio de que a linguagem cinematográfica pode se prestar a representação da realidade, uma vez que “a imagem constitui o elemento de base da linguagem cinematográfica. Ela é a matéria-prima fílmica [...] Sua gênese, com efeito, é marcada por uma ambivalência profunda [...] capaz de reproduzir exata e objetivamente a realidade que lhe é apresentada” (MARTIN, 2003, p. 21); o filme trata questões inerentes a homoafetividade. Trata-se do drama real de Bobby Griffith, jovem de 20 anos de idade, que após perceber-se homossexual, sofre com a pressão da mãe (Mary Griffith), mulher religiosa que o entende numa condição de pecador e busca promover nele a mudança de orientação sexual, fazendo com que Bobby trace o caminho da exclusão, depressão, infelicidade e solidão, até o suicídio.

A morte de Bobby desvela o fenômeno da angústia em Mary. Experimentar a morte e a vida ao lado de um filho homossexual certamente exigiram de Mary novas formas de compreensão de si, de sua religião, da sua família, do mundo e, nesse movimento, as antigas certezas já não satisfaziam as novas indagações. As experiências de dor vivida por Mary Griffith após o suicídio de Bobby, se desdobraram na reconstrução de si de forma mais humanizada levando-a a compreender o fenômeno da homossexualidade para além de seu entendimento religioso e limitado.

O presente texto apresenta os resultados finais da pesquisa intitulada “Integrando diversidade sexual e religiosa no cinema: o filme ‘Orações para Bobby’” realizada no período de 2016.2 a 2017.1, na modalidade Iniciação científica, estando o presente plano de trabalho integrado ao projeto de pesquisa “Diversidade, educação e religião: narrativas e (auto)biografias”.

Material e Métodos

Segundo Minayo (2008, p.17), a pesquisa deve ser entendida como:

Atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica a pesquisa vincula o

pensamento e ação, ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, senão tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

Ao compreender a pesquisa como problema da vida prática, pode-se entender que tais problemas mereçam um debruçar, um olhar, uma reflexão do pesquisador que, por meio de algumas escolhas, alguns caminhos, alguns percursos, buscará encontrar respostas, mesmo que parcialmente, que o auxiliem no encontro de soluções para questões cotidianas. Deste modo, o percurso empreendido nessa pesquisa, exigiu que fosse feita algumas escolhas.

A escolha em analisar um filme como objeto de pesquisa deu-se por compreender a dimensão do alcance do cinema no universo popular. Em uma sociedade que privilegia a imagem e o som em detrimento da escrita e da leitura, o filme apresenta-se como recurso que populariza questões e/ou evidencia aquilo que já está posto. Trata-se de compreender o cinema como linguagem que se utiliza da “reprodução fotográfica da realidade” (MARTIN, 2004, p.24), ou seja, trata-se de um “sistema de signos destinados à comunicação” (MARTIN, 2004, p. 23).

O contato com o filme analisado deu-se nas aulas da disciplina “Diversidade, Cidadania e Direitos”, ministrada no segundo período do Curso de Logística, da Universidade Estadual de Goiás. Trata-se de uma disciplina de núcleo comum, introduzida na matriz curricular de todos os cursos de graduação da universidade, com intuito de ser espaço reflexivo sobre as diferenças evidenciadas no interior de uma instituição de ensino superior. As temáticas tratadas na disciplina conduzem os estudantes a refletir sobre a realidade da diferença e sobre a necessidade de construir cidadania, principalmente para minorias, entre as quais se destacam negros, pobres, homossexuais e outros.

Escolhido o material, passou-se a delinear o percurso da pesquisa. Uma primeira opção a se fazer é a escolha do método a ser utilizado, este deve dar conta de conduzir o pesquisador a uma maior compreensão do objeto observado. Segundo Gil (2006, p. 26), o método é um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Deste modo, optou-se pela aproximação do método fenomenológico, por compreender esse método como aquele que “[...] tenta fazer justiça aos aspectos vividos dos fenômenos humanos. Aí entra a descrição, sempre que possível, para saber como alguém experienciou um fenômeno que foi vivido” (MOREIRA, 2004, p.110). Corroborando essa ideia, Gil (2008, p. 16) pontua: “O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe,

nem o conceito subjetivo, nem uma atividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa”. Buscou-se assim, desvelar a temática da diversidade sexual e religiosa no filme em análise.

Quanto a abordagem, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois segundo Minayo (2008, p. 57) esta abordagem é adequada “[...] aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos [...]”.

Os meios pelo qual se busca alcançar os objetivos conduziu-nos a pesquisa exploratória, que segundo Gil (2002, p. 41) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses [...] têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

Quanto nos procedimentos utilizou-se a pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

A análise dos dados foi realizada em três etapas, conforme Minayo (2008), a saber: a) a compreensão do fenômeno estudado; b) a busca de resposta a questão de pesquisa; e, c) a ampliação do conhecimento sobre o assunto.

Seguindo este entendimento, analisar o discurso cinematográfico (linguagem verbal e visual) no filme “Orações para Bobby” possibilita a construção de uma visão mais empática. Para execução da pesquisa foi utilizado o DVD do filme, bem como livros, artigos de periódicos científicos que possibilitou a constituição do referencial teórico-metodológico da pesquisa bem como; equipamento de multimídia como computador com acesso a internet, impressora, papel sulfite A4, e o que mais se fez preciso.

Resultados e Discussão

Através das lentes da família, a visão que se tinha de Bobby antes de revelar sua condição sexual era de um garoto heterossexual vivendo de maneira harmoniosa com sua família e com a sociedade, cena mostrada no início do filme quando imagens caseiras feitas pelo seu pai (Robert Griffith) revelam Bobby brincando junto a sua família e Michelle, garota no qual Bobby tinha uma relação de

afeto. Chamo a atenção também para as referências que aparecem na introdução de como sua família tinha forte influência da religião cristã, apresentando-se tradicionalmente heteronormativa, pelos símbolos e imagens que representa a religiosidade inserida no seio de sua família, fato que ilustra a as palavras de Alves (1984, p.8):

Todos eram educados para ver e ouvir as coisas do mundo religioso, e a conversa cotidiana, esse tênue fio que sustenta visões do mundo confirmava, por meio de relatos de milagres, aparições, visões, experiências místicas, divinas e demoníacas que este universo encantado e maravilhoso no qual, por detrás e através de cada coisa e cada evento se esconde e se revela um poder espiritual.

Dessa forma, a família Griffith não tinha a compreensão de enxergar Bobby de outra maneira que não fosse conforme a praxe que sua religião impunha, sendo que “a religião é construída pelos símbolos que os homens usam” (ALVES, 1982, p.29). Segundo Durkheim (1989) a religião apresenta-se como fenômeno estruturante da sociedade o que permite compreender que Mary Griffith certamente continuaria interpretando a homossexualidade como um ato pecaminoso, um erro a ser evitado, uma escolha, deixando-se levar pelo domínio do discurso religioso que condena as pessoas que vivem essa condição. Isso porque:

Na raiz de nosso julgamentos existe certo numero de noções essenciais que dominam toda nossa vida intelectual; são aquelas que os filósofos chamam de categorias do entendimento: noções de tempo, de espaço, de gênero, de número, de causa, de substância, de personalidade etc. [...] Mas, se, como pensamos, as categorias são representações essencialmente coletivas, traduzem antes de tudo estados da coletividade: elas dependem da maneira pela qual esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas etc. (DURKHEIM, 1989, p. 38-39).

Bobby se depara em algumas cenas com a manifestação de diálogos e de discursos de preconceito e ódio acerca de sua condição sexual ainda não exposta, como na cena em que sua avó na comemoração de seu aniversário pronuncia: “*Para mim, os Bixas deveriam ser postos em fila num paredão e fuzilados*” (00’04:10). Isso faz com que Bobby entre em uma crise existencial: ser ou não ser? Assumir o seu desejo e as consequências que isso trará para si e para suas relações familiares ou viver longe de si? Bobby até então permanece na sombra, com medo de contrariar a imagem que sua família tem sobre ele, ideia que se passa quando sua irmã pergunta: “como é ser o perfeito?”.

E importante notar que Bobby quando passa pela oportunidade de ter uma experiência sexual com o sexo oposto (sua namorada Michelle) se sente culpado por não se encaixar nos princípios deixados pela divisão de gênero, dizendo: “*Não é você, sou eu!*” acreditando não ser algo natural e sim um defeito, o que mostra também em um diálogo com seu irmão onde questiona: “*E se um de nós for pecador?*”. A ideia que Bobby tem acerca de sua condição sexual é confusa em sua mente, pois ele não compreende o fato de ser e sentir algo que não condiz com o que prega sua religião. Bobby relata em seu diário o que sente, usando como metáfora a dificuldade de encontrar um diálogo compreensivo

Não dizer a verdade? Às vezes me sinto como se estivesse na beira de um precipício olhando para baixo e as ondas quebrando sem lugar para ir, a não ser para baixo. Eu costumava a sonhar que estava voado e eu era livre, mas agora quando eu voô eu tenho medo, tem as linhas telefônicas e os fios de alta tensão, como vai ser doloroso se eu esbarrar em um deles. Será que eu vou ser livre de novo? (BOBBY 00'09:13).

Sendo assim, Bobby se encontra em vulnerabilidade quando decide revelar sua condição sexual ao seu irmão que posteriormente resolve contar a sua mãe dizendo: “*Vocês todos me odeiam, eu sei disso, eu sei que quando souberem a verdade vão me odiar.*” Fica claro que o medo de ser excluído e não aceito impossibilita uma comunicação mais aberta.

E importante ressaltar o domínio do impessoal nas ações de Mary com Bobby ao decorrer do filme, depois de sua revelação, Mary começa a repreendê-lo dizendo que isso é errado, e um modo de vida indigno, problemático e condenável, deixando ser guiada pela ignorância e preconceito, criando para si um rompimento nas relações com Bobby. Pouco depois da descoberta da condição sexual de Bobby, em uma discussão Mary diz: “*E um pecado terrível, a Bíblia diz que é abominação*”, Deixando claro que Mary não vê outra possibilidade a não ser o que se baseia em um discurso homogeneizante.

Bobby então começa a viver uma vida de medo, isolado, fora de sua essência natural, pois estava sendo induzido a acreditar que o erro estava em si, abrindo mão de ser o que sua condição natural implicava para estar próximo a sua família, ser aceito.

[..] Nem sempre são considerados os conflitos com que os homossexuais deparam a ao se defrontar com sua própria determinação sexual, pois a partir da percepção e constatação de si mesmo e de sua sexualidade a pessoa muitas vezes conta apenas com modelos estereotipados, e uma

quase ausência de orientação sexual adequada (JUNQUEIRA; KLUCK: SCHLÖGL, 2015, p. 73).

Dessa maneira Bobby encontra na morte a possibilidade de remediar a sua angustia, tomado por profunda tristeza, ao caminhar pela ponte da qual decide se lançar. Bobby se lembrava de falas da mãe que o repreendia por ser homossexual e também dos discursos religiosos que o condenavam ao inferno.

A morte de Bobby fez com que Mary percebesse que precisava reinventar-se para sobreviver e para aprender a conviver com a dor da perda de um filho e a culpa por não tê-lo compreendido e aceitado em vida. Mary então procura ajuda e informação em grupos de apoio como o do Reverendo Whitsell. Verifica-se que o conhecimento, foi essencial para que Mary pudesse resignificar seu entendimento sobre a homossexualidade de seu filho, como se pode perceber na seguinte fala:

O meu filho sempre foi diferente, a diferença dele começou na concepção. Eu sabia, eu sentia, eu sei agora por que Deus não curou Bobby, ele não o curou porque não havia nada de errado com ele. (Mary Griffith 01'18":50)

Sendo assim, a fé de Mary começa a surgir de forma mais autêntica. Através do questionamento de si e sua fé. Aos poucos, Mary vai percebendo que a sexualidade é construída socialmente.

A orientação sexual se dá por um complexo conjunto de fatores bio-psíquicos que determinam o interesse sexual de um indivíduo, isto em nada se relaciona à opção. Não há como optar por sentimentos e sensações, elas simplesmente acontecem ao indivíduo sem que este saiba explicá-las (JUNQUEIRA; KLUCK: SCHLÖGL, 2015, p. 72).

Essa resignificação, produto de um amadurecimento e de um conhecimento sobre a temática, pode ser notado no discurso pronunciado pela senhora Groffith, em rede nacional, na câmara municipal em que defende os homossexuais. Como se pode perceber o discurso de ódio é transformado em um discurso humanizado, capaz de compreender a diferença como marca do humano.

Homossexualidade é um pecado, os homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno, se eles quiserem mudar eles podem ser curados do jeito pecaminoso deles, se eles livrassem da tentação eles poderiam ser normais de novo só se eles tentassem e tentassem muito, mas não funciona. Foram todas as coisas que eu disse para o meu filho Bobby quando eu descobri que ele era gay, quando ele me disse que era homossexual meu mundo caiu. Eu fiz tudo que eu pude para curá-lo da doença dele. Oito meses atrás meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependi muito sobre minha falta de conhecimento sobre os gays e o lesbianismo, eu vejo que tudo que eu aprendi e disse eram fanatismo e difamação desumana, se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse ouvido o meu filho quando ele abriu o coração para mim eu

não estaria aqui hoje com vocês, triste, cheia de arrependimento. Eu acredito que Deus ficou satisfeito com o espírito gentil e amoroso de Bobby. Aos olhos de Deus a bondade e o amor é tudo que conta. Eu não sabia que cada vez que ecoava a condenação eterna para o público gay, cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso para nossas crianças a autoestima dele, o senso de valor dele estava sendo destruído. A morte de Bobby foi o resultado devido da ignorância dos pais dele e o medo do mundo gay (01'21":45).

A análise do filme nos permite perceber que informação e o conhecimento, são fundamentais para que suma nova postura seja construída, em relação às pessoas com orientação sexual diversa daquela imposta por uma sociedade que busca a padronização.

Considerações Finais

Desta forma podemos entender que a trajetória de Bobby a partir do momento em que ele apresenta sua condição de homossexual a sua família, especialmente sua mãe, torna-se completamente conflituosa, pois é notória a influência do discurso religioso não só em seu meio familiar, mas também em meio à sociedade. No entanto, o entendimento da homossexualidade apresenta-se bastante variado entre as concepções religiosas (JUNQUEIRA; KLUCK: SCHLÖGL, 2015).

Tratar essa realidade como um fato e possibilitar meios para a construção de discursos que apoiem estes grupos minoritários que sofrem a exclusão e opressão no meio em que convivem, contribui para tirar outros indivíduos da situação vivida e experienciada por Bobby; situação de medo, solidão, abandono, exclusão, que o deixa vulnerável ao suicídio, violência, depressão e outros fatores que denigrem a dignidade da vida humana.

Percebe-se que ao longo do filme, pode-se extrair argumentos e discursos construtivos acerca da diversidade sexual como aqueles proferidos pelo Reverendo Whitsell, os diálogos das reuniões do P-FLAG² e o próprio discurso que Mary faz na televisão em rede nacional defendendo os homossexuais, mas que também mostra o perigo da impessoalidade e do discurso conservador, como as falas que Bobby lembra no momento antes de se lançar da ponte.

Mary mostra que os seres humanos podem se reinventar e se reconstruir como indivíduos, principalmente utilizando-se do recurso da dúvida, questionando-se

² Sigla em inglês que significa “Associação dos Pais e Amigos dos Gays e Lésbicas” .

acerca das coisas, percebendo que existe mais em sua fé do que lhe fora lhe revelado.

Ao decidir se tornar uma ativista dos direitos dos homossexuais, superando seus preconceitos, medos e ignorâncias, pois a angústia que lhe cometeu passando pela experiência de ter um filho homossexual e a dor da sua perda pode acontecer em diversos lares com diversas famílias. O filme apresenta três caminhos para se vencer as situações de preconceito e intolerância: o conhecer sobre o que é quem é o outro uma vez que a “ignorância é a matriz geradora de muitos preconceitos (JUNQUEIRA; KLUCK: SCHLÖGL, 2015, p. 73); a alteridade que lança o humano a colocar-se no lugar do outro; e, o respeito tolerância que se apresentam como possibilidade de construção harmoniosa entre diferentes.

Mary em seu discurso afirma: “Antes de ecoarem amém em sua casa ou local de adoração pensem, pensem e lembrem, uma criança esta ouvindo”, com isso a conscientização de produzir sentidos para vivenciar uma vida mais humanizada mostra-se fundamental em uma sociedade marcada pela diferença.

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente ao professor Dr. Raimundo Marcio Mota de Castro pelo convite concedido a mim para ser seu orientando, pela paciência, atenção e vontade. Agradeço também a Universidade Estadual de Goiás e ao programa de bolsas BIC/UEG pelo apoio e oportunidade, contribuindo desta forma com a minha formação acadêmica.

Referências

ALVES, Ruben Azevedo. **O que é religião?**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira neto. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA; Sérgio Rogério Azevedo; KLUCK; Claudia Regina; SCHLÖGL, Emerli. **Amor sacralizado e amor banalizado**: gênero, orientação sexual e espiritualidade. Curitiba: Editora CRV, 2015.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliografia**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Thomson pioneira, 2004.